

REVISITANDO A CONDIÇÃO SOCIAL FEMININA ATRAVÉS DA LITERATURA BRASILEIRA: APONTAMENTOS SOBRE A MULHER NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Revisando el estatus social de las mujeres a través de la literatura brasileña: notas sobre las mujeres en la historia de la educación

Revisiting the social status of women through the brazilian literature: notes on women in the history of education

Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti

Doctora en Educación

Docente, Universidad Estatal de Paraíba, Brasil.

Resumo

As questões de gênero sempre foram muito fortes no Brasil. O homem considerado o sexo forte, desbravador, aventureiro e a mulher, o sexo frágil, submisso, sempre à espera das convenções sociais impostas, de acordo com cada época. Enfatizar a situação das mulheres no Brasil no século XVIII e início do século XIX significa, para nós, um encontro com uma realidade hoje, reconfigurada gradativamente. Ainda somos a geração que nos orgulhamos da ascensão social feminina, mas que, cotidianamente, ouvimos depoimentos e noticiários de violência de diversas formas contra a mulher. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo elaborar um breve histórico do contexto social vivido pelas mulheres, sobretudo no Brasil patriarcal. Enfatizamos também, as significativas mudanças que tiveram com superação desse período, aliado a crescente urbanização e industrialização das cidades. Para tanto, partiremos das considerações feitas às mulheres à luz de enfoques teóricos de Freyre quando descreve os contextos sociais vividos pelas mulheres do patriarcado rural e urbano. Aprofundamos a análise reflexiva com obras de autores romancistas das escolas literárias Romantismo e Realismo na perspectiva de compreendermos em que contextos acontecem à ascensão social feminina, vista, ainda hoje, com estereótipos e preconceitos em diversos setores sociais. Este artigo surge da necessidade de falar sobre as mulheres que, ainda esquecidas na História da Educação, vêm encontrando formas de resistência à dominação masculina, imposta socialmente, como algo natural. Se utilizar da Literatura Brasileira, como fonte de pesquisa, é uma forma de ilustrar como pensavam as sociedades da época, sobre a conduta feminina.

Palavras-chaves: Educação – Mulher – Literatura brasileira

Resumen

Las cuestiones de género siempre fueron muy fuertes en Brasil. El hombre considerado el sexo fuerte, conquistador, aventurero y la mujer, el sexo frágil, sumiso, siempre a la espera de las convenciones sociales impuestas, de acuerdo con cada época. Enfatizar la situación de las mujeres en Brasil en el siglo XVIII y principios del siglo XIX significa para nosotros un encuentro con una realidad hoy, reconfigurada gradualmente. Todavía

somos la generación que se enorgulle de la ascensión social femenina, pero que, cotidianamente, escuchamos testimonios y noticieros de violencia de diversas formas contra la mujer. De esta forma, el presente artículo tiene como objetivo elaborar un breve relato histórico del contexto social vivido por las mujeres, sobre todo en el Brasil patriarcal. Enfatizamos también, los significativos cambios para superar ese período, aliado a la creciente urbanización e industrialización de las ciudades. Para ello, partiremos de las consideraciones hechas a las mujeres a la luz de enfoques teóricos de Freyre cuando describe los contextos sociales vividos por las mujeres del patriarcado rural y urbano. En la perspectiva de comprender en qué contextos ocurre el ascenso social femenino, vista, aún hoy, con estereotipos y prejuicios en diversos sectores sociales, profundizamos el análisis reflexivo con obras de autores novelistas de las escuelas literarias. Este artículo surge de la necesidad de hablar sobre las mujeres que, aún olvidadas en la Historia de la Educación, vienen encontrando formas de resistencia a la dominación masculina, impuesta socialmente, como algo natural. Si se utiliza la Literatura Brasileña, como fuente de investigación, es como una forma de ilustrar cómo pensaban las sociedades de la época, acerca de la conducta femenina.

Palabras - claves: Educación - Mujer – Literatura brasileña

Abstract

Gender issues have always been very strong in Brazil. The man considered the strong sex, pioneer, adventurer and woman, the fragile, submissive sex, always waiting for the social conventions imposed, according to each epoch. Emphasizing the situation of women in Brazil in the eighteenth and early nineteenth centuries means for us an encounter with a reality today, gradually reconfigured. We are still the generation that we pride ourselves on the feminine social ascension, but that, daily, we hear testimonies and news of violence of diverse forms against the woman. Thus, the present article aims to elaborate a brief history of the social context lived by women, especially in patriarchal Brazil. We also emphasize the significant changes that have occurred with the overcoming of this period, together with the increasing urbanization and industrialization of cities. To do so, we will start from the considerations made to women in the light of Freyre's theoretical approaches when describing the social contexts lived by women of rural and urban patriarchy. We deepen the reflexive analysis with works by novelists of the literary schools Romanticism and Realism in order to understand in what contexts they happen to the feminine social ascension, seen, still today, with stereotypes and prejudices in diverse social sectors. This article arises from the need to talk about women who, still forgotten in the History of Education, are finding forms of resistance to male domination, imposed socially, as something natural. If you use Brazilian Literature as a source of research, it is a way of illustrating how the societies of the time thought about women's behavior.

Key words: Education - Woman – Brazilian literature.

1. Introdução

No contexto atual do Brasil, as mulheres vêm ocupando espaços significativos em diversos setores sociais: na educação, na saúde, nas empresas, no esporte, na construção civil, na política. Para quem já foi rotulada de sexo frágil, a mulher contemporânea tem conquistado requisitos e características que fazem a mudança no paradigma que a conduziu durante séculos: a boa mãe, católica, submissa as ordens do pai, irmão ou marido.

Ainda que tenha tido ascensão social, em diversos setores do mercado de trabalho, as mulheres ainda são um público que tem a conduta, por diversas vezes, direcionada. O casamento continua sendo a cobrança da maioria delas, embora o espaço acadêmico e a independência financeira tenham se tornado realidade constante.

As experiências como estudante de Doutorado, da linha de pesquisa *Educação, Estudos Sócio históricos e filosóficos*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como coordenadora do Projeto de Extensão intitulado *Cultura, memória e história: a prática educativa de mulheres que se tornaram professoras*, como coordenadora do Projeto de Pesquisa *Memória, História e Currículo na Paraíba do século XX: a formação de mulheres professoras* e como professora da turma de *História da Educação*, ambos da Universidade Estadual da Paraíba, permitiram constatar, através de leituras, discussões e relatos das estudantes envolvidas, que a condição social feminina vem atrelada a realização com o sexo oposto, de acordo com as expectativas do ambiente familiar em que foram criadas. As mulheres são sempre vigiadas e punidas, enquanto que os homens, são respeitados e apoiados em suas condutas de macho, conquistador, galanteador e forte.

As experiências nos respectivos espaços acadêmicos permitiram também, leituras e discussões sobre as relações sociais existentes no Brasil em que percebemos que estas se constituíram de acordo com o tipo de sociedade, em cada contexto histórico. Por isso, fizemos um breve apanhado sobre a condição social feminina a partir do século XIX, com ênfase as relações de gênero no Brasil patriarcal e a mudança de contexto social com a crescente urbanização e industrialização das cidades. Constatamos que a mudança de contexto social acarretou também, a mudança no cotidiano feminino trazendo uma vida mais mundana, menos submissa e o contato com insígnias que a urbanização trouxe, entre elas, a leitura de romances.

2. Metodologia

As pesquisas em História da Educação revelam que as mulheres possuem uma história sem registro, (Almeida, 1998, p. 25) uma vez que, muitas delas foram protagonistas de vários contextos sociais, entre eles, os acadêmicos, bem como, na Medicina, na literatura, no meio jornalístico, porém, não tiveram visibilidade pelo fato de fazer parte do gênero feminino. Ainda citando Almeida (1998, p.25), “atualmente, a História das mulheres constitui um campo de estudos bastante privilegiado, mas, as mulheres, enquanto profissionais do ensino, têm sido constantemente relegadas ao esquecimento”.

Este trabalho tem por objeto de estudo a história das mulheres e como objetivo revisitar a condição social feminina, através da Literatura Brasileira. Para tanto, recorreremos as leituras efetuadas nos grupos de pesquisa e extensão em que tentamos trazer à tona a prática educativa das mulheres que se tornaram professoras, uma vez que, foi na docência que muitas mulheres puderam libertar-se de um direcionamento social, imposto pela família, igreja e o contexto em que viviam. (Louro, 1997).

Ainda que o espaço escolar e acadêmico tenha ficado restrito, durante anos, ao sexo masculino, as mulheres encontraram formas de resistência e se tornaram também, professoras e diretoras desses espaços. Muitas delas cravaram seus nomes na História da Educação como a escritora sousense Julieta Pordeus Gadelha e a professora potiguar Francisca Nolasco Fernandes.

Para a concretude deste trabalho, utilizamos algumas obras de autores das escolas literárias brasileiras Romantismo e Realismo, tais como, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Aluísio Azevedo. As obras serviram de base para saber sobre os cotidianos femininos no contexto do Brasil Patriarcal e do período de urbanização, no início do século XX. Também, utilizamos da obra *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, quando relata as mudanças sofridas, sobretudo pela mulher, com a saída do campo para a cidade. As leituras e discussões realizadas em sala de aula e nos grupos de pesquisa deram embasamento teórico sobre a História das mulheres, à luz das considerações de Jane Soares de Almeida (1998) e a mulher na docência, a partir da normalista, na perspectiva de Guacira Lopes Louro (1998). Nos apropriamos, também, de Simone de Beauvoir (2016), quando tece considerações sobre a mulher independente, sobretudo a partir da independência financeira.

3. A submissão da mulher: breve histórico da vida patriarcal nas casas-grandes das fazendas

Para uma sociedade de economia agrário-exportadora, como se caracterizava o Brasil Colônia, algumas pessoas eram respeitadas e possuíam certa supremacia perante as demais, seja pela cor, pela classe social a que pertenciam, pelo cargo que ocupava (geralmente intelectual) ou pelo gênero. Outros, porém, viviam em regime de submissão, destacando-se entre estes, as mulheres.

Mesmo que a sociedade tenha passado por várias etapas de desenvolvimento econômico, desde o Brasil Colônia até a contemporaneidade, com destaque para a economia capitalista, a forte presença das empresas multinacionais e o impacto das novas tecnologias, ainda percebemos que as questões de gênero carregam estereótipos que, por vezes, subestimam a atuação da mulher. É importante salientar, entretanto, que no passado, sobretudo numa sociedade patriarcal, os estereótipos aconteciam de forma mais acentuada e naturalizada.

A título de exemplo, no século XIX, as meninas das casas grandes, desde cedo, aprendiam a se comportar de acordo com as regras impostas pela sociedade. Dessa maneira, eram impedidas de saltar, brincar e correr como os meninos, uma vez que a condição social feminina não permitia às meninas, saborear o gosto da infância. Enquanto sinhazinhas tinham de vestir-se de acordo com a moda da época, um figurino cheio de exageros imitando-se, assim, a moda usual na Europa. (Freyre, 2004)

Aliás, foi a europeização no Brasil uma grande marca entre as mulheres, de modo que, fazer parte da sociedade patriarcal implicava, trajar-se, comportar-se, expressar-se semelhantemente às mulheres europeias, sobretudo as francesas. Os trajos à moda francesa, também serviam para diferenciação de classes sociais entre as mulheres, como destaca Freyre (2004, p. 2015):

O certo é que o trajo da senhora de sobrado ou da casa-grande chegou aos maiores exageros de ornamentação para se distinguir do trajo da mulher de mucambo ou de casa térrea, e, principalmente, do trajo do homem, por sua vez, um super ornamentado, quando, senhor e dono de outros homens aparecia nas ruas ou nas festas [...].

Num contexto social em que as maiores preocupações estavam na economia e na política, a educação escolar era praticamente, inexistente. Destacavam-se apenas, os casos em que os filhos dos patriarcas, herdeiros das fazendas, iam bacharelar-se na Europa. As mulheres, entretanto, ficavam a margem desse tipo de educação, restando-lhes o casamento enquanto “futuro promissor”, cujo esposo, na maioria dos casos, deveria ser escolhido por sua família, utilizando como critério, o interesse econômico.

Embora as ideias de liberdade e renovação dos modos de vida da mulher já se fizessem presentes na Europa e, de certa forma, no Brasil, através dos bacharéis que voltavam de seus estudos, estas ideias ficavam restritas, consequência acentuada da diferenciação entre os sexos. A ideia de uma educação escolar voltada para as mulheres era quase que descartada, visto que, a essência feminina tinha de ser o matrimônio, considerado sagrado e indissolúvel e a maternidade, própria da mulher, destino que devia ser seguido por todas.

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambigüidades. [...]. Na opinião de muitos não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (Louro, 2012, p. 446).

Logo, a mulher religiosa, elegante e bem-comportada, embora ignorante no Brasil, foi a que predominou na sociedade patriarcal. Com exceção de uma minoria que fazia parte da elite e residiam nas casas-grandes e sobrados. Estas foram, gradativamente, se instruindo, através das aulas de literatura, piano, canto e francês. Muito mais para impressionar os cavalheiros pretendentes ao casamento, essas aulas, muitas vezes serviam para ocupação enquanto o noivo estivesse estudando fora ou para suportar a solidão nas ausências do marido.

A condição imposta à mulher atenuava a pouca participação dela em espaços públicos o que, segundo Freyre (2004, p. 224), nessa época “se pode atribuir a pouca ou nenhuma intervenção da mulher naquelas zonas de atividade política e artística”, atenuando a visão preconceituosa de sexo frágil.

Na literatura brasileira da época não se conhece exemplos de mulheres artistas, de mulheres romancistas, de mulheres escritoras. Apenas homens, que com seus romances idealizadores do sexo frágil, cujas expressões “pálida”, “magra” impressionavam os leitores (e as leitoras) da sociedade patriarcal. A idealização da mulher ganha significado, principalmente da mulher da casa-grande, que muitas vezes, sobre a clausura do pai, raramente saía de casa. “Sua circulação pelos

espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente, em atividades ligadas às atividades da Igreja [...]” (Louro, 2012, p. 446).

As idealizações da mulher na literatura brasileira influenciavam a discussão sobre o casamento. O casamento era resolvido pelo pai, que optava em alguns casos, por tios ou primos, no sentido de preservar a situação financeira da família. Nesse sentido, ainda que fosse um contrato entre as famílias, o casamento permeava o imaginário das moças do século XIX. “O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento” (Beauvoir, 2016, p. 185) sendo, por isso, objeto de desejo entre as moças.

Uma curiosidade da época é a ascensão do bacharel mulato e seus romances com moças fidalgas, de famílias nobres, uma vez que, não tendo na sociedade apenas bachareis de origem nobre, devido ao crescente número de jovens mulatos que também se graduavam na Europa, a figura do mulato despertava paixões nas moças requintadas fazendo com que muitos romances fossem proibidos.

Tomando como base esses romances, destacou-se na literatura um modo de amar mais ousado, mais afastado das regras e convenções sociais. De acordo com Campedelli, (1997, p. 12), “a literatura tornou-se uma ponte para um mundo estranho, misterioso e invisível”. Essa estranheza de que trata a autora refere-se ao não cumprimento das regras preestabelecidas no que tange as mulheres da sociedade patriarcal, mulheres que não tinham o direito de casar-se com quem se apaixonavam, refugiando-se nos casos de romance que davam certo nas obras literárias. Em meados do final do século XVIII, as obras literárias voltam-se:

[...] ao ideal de pureza do amor, junto a noção dos direitos do coração, o que, freqüentemente, vai de encontro aos valores sociais e morais. Nesse caso, chega-se mesmo a defesa do amor livre de conveniências ou convenções, só justificado perante Deus [...]. (Castello & Cândido, 1974 como citado em Campedelli, 1997, p. 19).

Antes desses ideais chegarem ao Brasil, no final do século XVIII, foram difundidos na Europa os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, advindos da Revolução Francesa. Os bacharéis foram exímios em ideias revolucionárias e atos tidos como heroicos que, inéditos no Brasil, deram outro significado a literatura e, conseqüentemente, à vida das mulheres.

Datam dessa época os casos de moças que eram raptadas por seus pretendentes, desviando um conjunto de regras que, tradicionalmente, teriam que ser seguidas, enfatizando o amor romântico, contrariando o contrato atenuado pelo pai. Esses raptos tornaram-se ainda mais frequentes, quando enfatizados nos romances que circulavam, sobretudo na Europa.

As ideias e os romances publicados na Europa influenciaram os namoros proibidos no Brasil. São exemplos, nesse sentido, de *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano, datado de 1844, em Portugal, em que narra a história de um jovem rapaz que prometido ao sacerdócio, abandona o hábito e salva a amada que fora raptada pelas tropas. No romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco publicado em 1862, em Lisboa, o autor se baseia em sua vida, pelo fato de ter um amor proibido, pois a jovem já era prometida em casamento.

Um dos maiores ícones para a aventura em busca do amor romântico foi Shakespeare, talvez “um modelo de irregularidade, de desobediência e libertação em face do que vinha sendo preceituado e valorizado até então” (Rosenfeld & Guinsburg, 1978, p. 15).

As mulheres da casa grande e sobrado, agora já não ignorantes como outrora por ter tido acesso à leitura e escrita (embora muitas vezes em casa mesmo), eram encorajadas a fugir do controle autoritário exercido pelo pai, na busca de uma paixão incontrolável que sentia pelo pretendente proibido. Dessa forma, surgiram os romances em forma de folhetins, em que as pessoas, principalmente as mulheres liam, a cada dia uma parte publicada, que circulava geralmente nos jornais, como a exibição dos capítulos das telenovelas, nos dias atuais.

Entre as histórias de amor proibido que as encantava e as encorajava, tinha destaque a idealização da mulher. As mulheres eram endeusadas e, aludindo à realidade da época, destacavam-se entre as heroínas, virgens pálidas e belas, cheias de adereços nos vestidos, nos cabelos que faziam os poetas suspirarem com tanta beleza e romance. Ainda que, com vida breve, Azevedo (1996, p. 15), em *Lira dos Vinte Anos*, autor de virgens pálidas e inacessíveis, assim descreve em *Soneto*:

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era a mais bela! Seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Conforme percebemos, a idealização da mulher branca da casa-grande ou sobrado enfatizava nos versos essa branquitude, que era insígnia de uma classe social dominante. Essa idealização, no entanto, vinha acompanhada de certo erotismo, acentuado pelos autores ao citar, por exemplo, partes íntimas da mulher, alcovas, formas de dormir, intimidades antes vistas ou comentadas apenas pelo pai ou marido.

As poesias de idealização da mulher, cujo sentido, ampliava-se para a sensualidade, em caráter ambíguo para os que liam, encantava as mulheres recatadas das casas-grandes, por um lado e por outro, criava repugnância nos setores mais conservadores da sociedade, entre eles, as senhoras casadas e entregues a submissão do marido, dos padres, dos pais mais conservadores, como enfatiza Freyre (2004, p. 2049) quando menciona Dona Ana Ribeiro de Góis Bettencourt:

Bem dizia em 1885 Dona Ana Ribeiro de Góis Bettencourt, ilustre colaboradora baiana do Almanaque de lembranças luso-brasileiro, alarmada com as tendências românticas das novas gerações – principalmente com as meninas fugindo de casa com os namorados – que convinha aos pais evitar as más influências junto às pobres mocinhas. O mau teatro. Os maus romances. As más leituras [...] que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real.

O rapto de moças prometidas em casamento se tornou tão comum no Brasil que, muitas delas foram raptadas das mãos dos pais quando iam à missa. Inspirados nos romances em que as virgens pálidas eram raptadas, os jovens bachareis sentiam-se como verdadeiros cavaleiros medievais. Para a sociedade, como um todo, os casos eram verdadeiros escândalos e a leitura, proporcionada através da educação escolar, tornava-se uma ameaça que precisava ser controlada. Nesse sentido, os currículos das escolas foram monitorados pela tutela masculina, já que os homens continuavam na supremacia da esfera hierárquica.

4. A urbanização e o patriarcalismo: mudanças na educação e nos cotidianos das mulheres

No início do século XIX, o Brasil vivenciava um período de transição influenciado pelas ideias iluministas enfatizadas pelos bacharéis e pelos produtos da Revolução Industrial, cada vez mais ligados a ideologia do consumo. De acordo com Freyre, (2004), os fazendeiros de café começam a abandonar as casas grandes e vão morar nos sobrados das cidades, talvez por influência de algum genro bacharel. Nesse contexto de mudança de uma

sociedade agrário exportadora para urbano industrial, os costumes tradicionalmente secularizados vão, gradativamente, sendo substituídos, sobretudo nos cotidianos femininos.

Embora a mulher do sobrado tivesse a mesma solidão que a mulher da casa grande, existia uma diferença entre a inacessível casa grande e o sobrado. O sobrado geralmente possuía várias janelas, o que facilitava para a mulher, o contato com a rua e, conseqüentemente, com os rapazes que passavam. Assim, o acesso aos transeuntes significava uma mudança importante para as mulheres antes recatadas nas casas grandes das fazendas. Além disso, as cidades cada vez mais urbanizadas tinham lojas, cabeleireiros, teatros, médicos de família, elementos que, juntando-se a literatura, foram insígnias de um novo tempo: a urbanização.

Nos sobrados, a leitura de romances tornou-se cada vez mais frequente, pois a mulher da cidade teve mais acesso à educação escolar, sobretudo, por causa de seu ingresso na Escola Normal. A Escola Normal foi para a mulher, uma saída da condição social a que estava submetida. A mulher normalista deveria ser aquela que não fugisse de seu destino natural de ser esposa e mãe, porém, muitas tiveram o magistério como uma profissão, uma diferenciação da submissão frequente.

O magistério proporcionou o acesso aos livros, aos romances, as obras literárias muitas vezes proibidas pela má influência. Assim como os produtos europeizados eram consumidos em larga escala, como os vestidos e chapéus, a literatura passou a ser um produto de consumo, principalmente das mulheres e estudantes.

Os estudantes e as mulheres serão a base do novo público. Era a perspectiva de libertação que encontravam. Os primeiros estudavam quase sempre distantes da vigilância do poder paterno e gozavam, por essa razão, de uma situação de maior tolerância. E, através da literatura, descobriam ou construía pela imaginação um mundo mais amplo e humano do que aquele da pequenez provinciana por onde circulavam. As mulheres começavam a sair da reclusão doméstica da sociedade patriarcal e iniciavam-se na vida dos aloés; além de boas maneiras, boa aparência e vestidos atraentes, deveriam também exibir cultura, a ser adquirida, sobretudo nas novelas dos folhetins. (Abdala & Campedelli, 1986, p. 55)

Assim, as mulheres dos sobrados, além das janelas, tinham o contato noturno com a rua, através das idas frequentes a teatros, saraus e do consumo de roupas luxuosas com um tanto de exagero nos enfeites. Entre as características da nova sociedade, as idas das mulheres ao teatro causavam rumor entre os que ainda conservavam as convenções sociais impostas. Nesse sentido, Freyre

(2004) destaca a figura do padre mestre Lopes da Gama, crítico ferrenho dos novos modos de vida da mulher, frutos da urbanização.

Essa dona de casa ortodoxalmente patriarcal, o padre Lopes da gama não se conformava que, nos princípios do século XIX, estivesse sendo substituída nos sobrados e até em algumas casas grandes de engenho, por um tipo de mulher menos servil e mais mundana; acordando tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile; lendo romance; olhando a rua da janela ou da varanda; levando duas horas no toucador “a preparar a charola na cabeça”; outras tantas horas no piano, estudando a lição de música; e ainda outras, na lição de francês ou de dança. Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessoriano. Menos conversa com as mucamas. Menos história da carochinha contada pela negra velha. E mais romance. O médico de família mais poderoso que o confessor. O teatro seduzindo a mulher elegante mais que a igreja. O próprio “baile mascarado” atraindo senhoras de sobrado (Freyre, 2004, p.226)

No entanto, cabe ressaltar que, embora frequentassem bailes, teatros e consumissem roupas e folhetins de romance, pouco ou quase nada se percebe da participação das mulheres na vida pública, na literatura, na política e nos negócios do marido. Na literatura, apenas a título de exemplo, Castro Alves quando da publicação do drama *A revolução de Minas ou Gonzaga*, queria ver encenado o papel central feminino por sua namorada, a atriz Eugênia Câmara.

Na literatura da época, representada pelo Romantismo, percebe-se, além da ausência da participação da mulher, um forte subjetivismo nas obras longe dos interesses com os problemas sociais.

De maneira geral, continuava a vida da mulher, com raras exceções, como sempre fora: casando-se ainda adolescente e já cheia de filhos aos vinte, vinte e cinco anos, muitas delas morriam de parto ou doenças ligadas a gestação. As tuberculosas e pneumonias também eram recorrentes e, consequências das roupas apertadas para obter cinturas mais finas ou da fraca alimentação para atender as questões de estética das moças casadouras.

Nesse cenário, as mulheres negras e antigas escravas não eram enfatizadas, nem idealizadas, sobretudo, nos romances. Consideradas seres inferiores, as mais prendadas, serviam de mucamas as senhoras e seus filhos. Não eram raros os casos amorosos de escravas com seus senhores, cujos filhos, muitas vezes, nasciam louros, com apenas algum traço da raça negra, orgulho para algumas mães que, possivelmente, também teriam filhos bacharéis, com a ajuda do pai.

No entanto, com o crescente fenômeno da urbanização, também as mulatas passam a ser exaltadas e a despertar desejos nos homens fidalgos. Se

antes os desejos e as idealizações eram ocultos, com a urbanização, cada vez mais, os sentimentos foram se tornando públicos. Em 1844, ainda no Romantismo literário, Joaquim Manuel de Macedo publica *A Moreninha*. No capítulo intitulado *O Sarau*, ele assim a descreve:

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa moreninha, princesa daquela festa. (Macedo, 1844, p. 66)

Percebemos, portanto, nos trechos extraídos, a exaltação feita a moreninha como a moça mais bonita da festa, diferente das louras ou pálidas dos romances de outrora. De acordo com Freyre, (2004, p. 756)

[...] rebentou depois mais livres na poesia do povo, onde tanto se exalta o quindim da mulata ou o dengue da moreninha; e no próprio lirismo dos bacharéis, em cujos versos e romances começaram a aparecer mais moreninhas dengosas do que virgens louras. [...]

Aos poucos, vão surgindo narrativas de mulheres não mais tão submissas, baseadas na mulher sedução, na mulher corruptora, na mulher que não é apenas o sexo frágil e sim, a mulher forte, que, mesmo amando, é capaz de vingar-se pelas mágoas que traz. É o caso do romance *Senhora de José de Alencar* em que a personagem Aurélia se vinga do seu, embora o amasse, por ter sido trocada por outra em função de um dote. Casos, como o do romance de Alencar, não foram raros.

Com a abolição da Escravatura, em 1888, o aumento de pessoas de todas as classes sociais nos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, tornou-se cada vez maior. Assim, ao lado dos luxuosos sobrados das famílias nobres, começaram a surgir também os casebres, os cortiços, os mucambos, os sobrados que abrigavam diversas famílias. De acordo com Campedelli, (1997, p. 157) “[...] p progresso definitivo das cidades, a industrialização, o avanço das ciências e o florescimento das novas correntes filosóficas criaram um ambiente hostil ao sentimento romântico”.

A série de acontecimentos sociais, econômicos e políticos propiciaram o surgimento de ideias novas que, para Romero, eram “vindas de todos os pontos do horizonte”. Essas ideias que eram, em sua maioria, antirromânticas e anticlericais, assim como contrárias ao moralismo e ao pensamento burguês são enfatizadas na Europa, a partir de uma exposição de Gustave Courbet, na França, quando mostrou a realidade dos camponeses, além de outras pinturas da vida moderna. Com essa efervescência, surge um novo tipo de mulher, menos submissa, mais mundana.

A mulher matriarca, em substituição ao patriarcalismo, a mulher que era pai e mãe ao mesmo tempo, que cuidava dos negócios da casa e dos filhos

sozinha, por ser mãe solteira, viúva ou em casos mais ousados, as que saíam do casamento por decepção amorosa. Para esse tipo de mulher, surge uma nova literatura, que não se prende mais as idealizações, as convenções e ao casamento e sim, as questões do cotidiano, com os problemas da realidade.

Em 1878, Eça de Queirós, lança *O primo Basílio*, com críticas contundentes ao casamento e ao comportamento burguês. Na obra, a personagem Luísa casara-se com Jorge, embora não o amasse e nas ausências do marido, torna-se amante de seu primo Basílio, um ex-namorado. A criada Juliana acaba descobrindo a traição e passa a chantagear a patroa.

Na referida obra, Luísa, mesmo sendo romântica e sonhadora e tendo se casado por convenções sociais, não aguentara a solidão e entregara-se a paixão que ainda nutria pelo ex-namorado, caracterizando um novo tipo de mulher dos romances de agora. Mulheres que, embora tivessem a característica de submissão a convenções impostas, tinham também, a coragem de modificar situações difíceis, de entregar-se aos desejos e as vontades. Assim, “[...] a arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas [...]”. (Queirós, 1968, p. 45)

Machado de Assis foi exímio escritor de romances que retratavam este tipo de mulher: sem a fragilidade da mulher romântica. As mulheres da ficção machadiana eram sensuais, astuciosas, como bem coloca Campedelli, (1997, p. 196):

Machado via a mulher como um ser dominador. Nesse sentido, preocupou-se, por exemplo, em denominá-las com nomes bastante sugestivos: Capitu, sugerindo a ideia de capitã, de comandante; Sofia, sugerindo a ideia de sabedoria; Iaiá sugerindo a ideia de patroa.

Em *Quincas Borba*, de 1891, Machado de Assis retrata a história de Sofia, mulher casada com Palha, que aceita os galanteios de Rubião, a mando de seu marido, para usufruir de vantagens financeiras.

Porém, o romance mais célebre do autor, trata-se de *Dom Casmurro*, em que narra a figura de Capitu, com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 1978, p. 65). Na obra, Capitu é casada com Bentinho, cujo filho chama-se Ezequiel. No dia do velório de seu melhor amigo Escobar, Bentinho acha estranha a forma de Capitu contemplar o cadáver, o que precipita a possibilidade de Ezequiel não ser seu filho. No capítulo CXXIII, intitulado *Olhos de ressaca*, o autor assim descreve a atitude de Capitu no velório de Escobar: “[...] a confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não lhe admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas [...]” (Assis, 1978, p. 112).

Fazendo uma análise dos romances citados, se percebe não mais a idealização da mulher em forma de anjo, de virgem, de deusa, mas um tipo de mulher mais voltada para a realidade. A mulher, por vezes, adúltera, de

sentimentos aflorados e desejos não contidos, ainda que fosse em função do dinheiro. Esses tipos de mulheres também fizeram parte da sociedade brasileira da época e com a decadência do patriarcalismo, são cada vez mais enfatizadas nas literaturas lidas. A respeito desse tipo de mulher nas narrativas da literatura, Queirós (1968, p. 45), fala:

[...] desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar [...].

Embora tenham saído das narrativas dos quadros românticos e adquirido mais determinação em busca de suas vontades, as mulheres continuaram em situação de inferioridade perante o homem. Nesse sentido, Freyre nos fala a respeito de preconceito de sexo cuja libertação foi muito mais tardia que o preconceito de raça. Em sua concepção, a mulher continuava sendo “sexo fraco. Belo sexo. Sexo doméstico. Sexo mantido em situação toda artificial para regalo e conveniência do homem, dominador exclusivo dessa sociedade meio morta. (Freyre, 2004, p. 245)

A respeito desse domínio de gênero, enfatizado por Freyre, é bem verdade que, mesmo atendendo aos desejos proibidos, algumas mulheres (a maioria), continuavam submissas aos homens, pela força que ainda exerciam. Machado de Assis, embora demonstrando em seus romances, as astúcias femininas, também destacou a dominação exercida ainda pela supremacia masculina.

Nessa situação, a título de exemplo, encontramos a personagem Conceição, do conto *Missa do Galo*. Conceição sabia que seu marido usava as idas ao teatro como desculpas para encontrar-se com a amante. Percebe-se, na parte a seguir, relatada pelo personagem Senhor Nogueira, a submissão de Conceição ao marido:

Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito. (Assis, 1963, p. 12).

Foi fora do quadro social da nobreza que encontramos, no entanto, as mulheres mais corajosas, mais independentes do homem, menos submissa. Aos poucos, essas mulheres das camadas sociais menos favorecidas foram sendo enfatizadas nos romances e por vezes, valorizadas pela coragem com que enfrentavam as dificuldades sociais, econômicas que a vida difícil lhes impunha.

Dessa foram, as mulheres dos cortiços tiveram especial destaque por serem mulheres trabalhadeiras, corajosas, que enfrentavam as dificuldades do ambiente e as circunstâncias sociais para criar seus filhos, sustentarem as famílias. Em muitas narrativas aconteciam, cotidianamente, desavenças, brigas, assassinatos, frutos de “traições” e “rixas”, entre as várias famílias que ocupavam os pequenos espaços nos cortiços.

Nesses casos, algumas mulheres eram vistas como fonte de recursos financeiros, uma vez que, vendiam diversificados produtos nas ruas das cidades e garantiam o sustento da família, chegando, algumas delas, até formarem os filhos bacharéis. Esse fator fez surgir não mais o casamento e sim, o “amigamento” destas com imigrantes que as viam como fonte de ascensão financeira. Assim como aconteceu, em grande escala, o êxodo rural de fidalgos para os sobrados nas zonas urbanas, também ocorreu o aumento de negros e mulatos nos cortiços. Para Freyre, (2004, p. 300):

Os mulatos, desde o começo do século começaram a sair em grande número dos ‘quadros’, dos ‘cortiços’, dos ‘mucambos’, onde imigrantes portugueses e italianos mais pobres foram se amigando com pretas ou pardas.

Sobre a ascensão financeira que estas mulheres proporcionavam aos imigrantes, o mesmo autor nos fala que:

[...] das pretas, principalmente as minas representarem considerável valor econômico: mãos de lavadeira, de boleira, de doceira, de cozinheira, de fabricante de bonecas de pano, capazes de os auxiliar nas suas primeiras lutas de imigrantes pobres. (Freyre, 2004, p. 749)

Nesse sentido, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, retrata a história de Bertoleza, escrava negra que é amigada com o português João Romão, ganancioso comerciante que consegue ascensão financeira à custa de árduo trabalho desta. Sobre seu esforço, Azevedo (1975, p. 5) assim retrata:

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã, vendia angu, e à noite, peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil réis por mês e, apesar disso, tinha de parte quase todo o necessário para a alforria.

E como quem, em pouco tempo, conseguiu montar um cortiço, com “casinhas para alugar”, João Romão foi se aproximando de Bertoleza, a ponto de amigarem-se e tomar conta de suas finanças.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia era também quem punha e dispunha de seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor vinte mil-réis mensais. [...] (Freyre, 1975, p. 5).

Na sociedade urbana, conforme foi analisado, as mulheres, de modo geral, eram vítimas dos preceitos e convenções da sociedade, porém, as das classes menos favorecidas, por diversas vezes, eram trapaceadas, enganadas e abandonadas pelos pais de seus filhos, sejam eles, imigrantes aventureiros em busca de condições financeiras favoráveis ou ricos senhores que buscavam prazer sexual atribuído as mulatas, fora do normal para aqueles que “desejavam colher do amor físico os extremos do gozo, e não apenas o comum”. (Freyre, 2004, p. 744).

Em suma, a sociedade brasileira do século XIX, assim ficou caracterizada no que tange ao tratamento destinado às mulheres. Tratamento diferenciado de acordo com a classe social e a raça a que pertenciam.

Para que pudéssemos conhecer e adentrar na história das mulheres, faz - se necessário compreender que a inserção na vida educacional escolarizada foi o diferencial para a aceitação na sociedade, sobretudo, a inserção na vida profissional, no trabalho. De acordo com Simone Beauvoir, “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (Beauvoir, 2016, p. 503).

Atualmente, ainda percebemos as diferenças entre os sexos, embora a mulher tenha provado que sua presença é necessária em todos os setores sociais e em todos os ambientes profissionais, principalmente, na área da educação.

5. Conclusão

Ao revisitar a condição social feminina através da Literatura Brasileira, tomando como referência, obras de autores Romancistas e Realistas, constatamos que a mulher percorreu um período de ascensão social, principalmente quando se dá a mudança do patriarcado rural para o urbano. Foi na cidade, através da crescente industrialização, que a mulher teve o contato com a rua, com o sarau, com o médico da família, com o teatro, com os bailes mascarados. Todas essas insígnias, de acordo com Freyre, (2004), caracterizaram o novo cenário feminino, a partir da mudança de casa grande para sobrado.

A condição social feminina vem percorrendo um longo caminho de mudanças, quando se trata de direcionamento de condutas. Embora do século XIX até a atualidade, muitas mudanças positivas tenham acontecido, tais como os espaços sociais que a mulher frequenta ou os tipos de profissão que ocupa, Beauvoir (2016) nos aponta que o casamento, faz parte da educação feminina, desde a infância, se traduzindo posteriormente, como uma realização pessoal que só àquelas que tiveram acesso, possui.

Nas rodas de conversa com as turmas de *História da Educação e Currículo*, da Universidade Estadual da Paraíba, temos constatado que as estudantes tenham conquistado mais respeito em suas escolhas pessoais e profissionais, ainda são submissas nos cotidianos familiares em que vivem, muitas vezes, cercados de cobranças por realizações pessoais no casamento e na maternidade. Nessas aulas discutimos sobre a História da Educação, incluindo a das mulheres e como o currículo pode ser um fator essencial para a superação de regras e condutas direcionadas à mulher da atualidade.

O feminicídio, ainda tão acentuado no Brasil e no estado da Paraíba caracteriza-se, na maioria das vezes, de uma dependência financeira e amorosa, imposta à mulher na criação familiar. Ainda somos a geração que foi educada para casar e ser feliz, ao lado de um homem e muitas vezes, ainda sustentada por ele. Essas características se configuram como barreiras que tentamos quebrar, nem que seja na sala de aula, dialogando com as meninas e meninos das licenciaturas, pois estão em processo de formação docente e precisam, com urgência, levar as questões de igualdade de gênero para os cotidianos escolares ou acadêmicos, em que fazem ou farão parte.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para a discussão sobre gênero, sobretudo o gênero feminino, que ainda sofre as amarras do Brasil patriarcal e a desigualdade tão acentuada entre os sexos.

Referencias bibliográficas

- Abdala Júnior & Benjamim, Campedelli, Samira Youssef. (1986). Tempos da Brasileira. 2 ed. São Paulo: Ática.
- Almeida, Jane Soares. (1998). Mulher e educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP.
- Assis, Machado de. (1991). Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: FTD.
- Alves, Castro. (1963). Contos. Rio de Janeiro: Agir.
- Alves, Castro. (1978). Dom Casmurro. São Paulo: Ática.
- Alves, Castro. (1992). Quincas Borba. São Paulo: FTD.
- Azevedo, Aluísio. (1945). O mulato. Rio de Janeiro: Agir.

- Azevedo, Aluísio. (1975). *O cortiço*. São Paulo: Ática.
- Azevedo, Álvares de. (1996). *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Beauvoir, Simone de. (2016). *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Campelelli, Samira Youssef. (1997). *Literatura, história e texto*. São Paulo: Saraiva.
- Freyre, Gilberto. (2004). *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Editora Global.
- Louro, Guacira Lopes. (1997). *Mulheres na sala de aula*. In: Priore, Mary del (org). *História das mulheres no Brasil*. Editora Contexto.
- Louro, Guacira Lopes. (2014). *Gênero, sexualidades e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes.
- Macedo, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00008.pdf>. Acesso em: 04/06/2009.
- Queirós, Eça de. (1968). *Idealismo e realismo*. In: *Cartas inéditas de Fradique Mendes*. Apud: Simões, J. G; Eça de Queirós: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir.
- Rosenfeld, A. & Guinsburg, J. (1978). *Romantismo e classicismo*. In: Guinsburg, Jaco. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva.